

Boletim

A revista do Sistema

INFORMATIVO



SISTEMA FAEP



Ano XXVI | nº 1177

21 a 27 de maio de 2012

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares

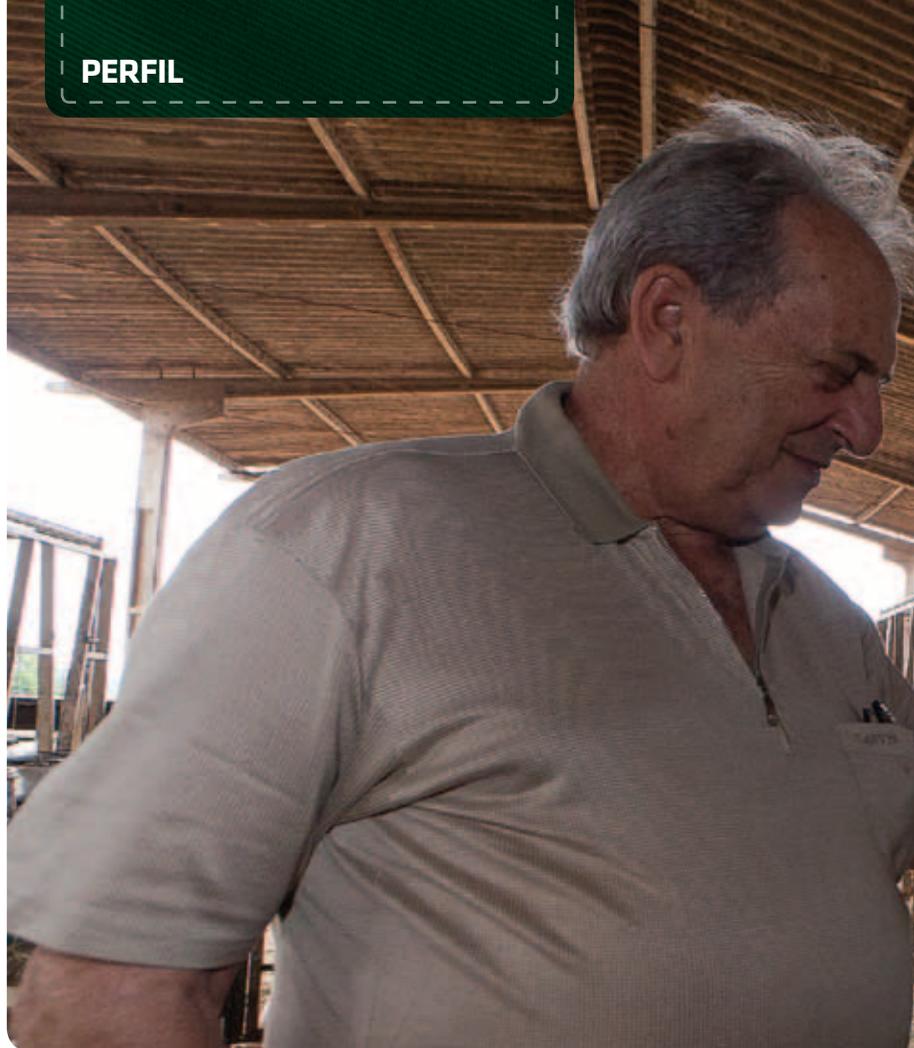


Ibrahim Fayad

O homem que lavrou e semeou

O custo do frete agrícola no Paraná

- 2 Perfil**
Ibrahim Fayad
-
- 8 SENAR-PR**
Mobilização Geral
-
- 11 Livro**
Plantio direto
-
- 12 Comportamento**
O Bem Estar animal
-
- 16 Opinião**
Touro ambiental
-
- 18 Infraestrutura**
O custo dos fretes
-
- 22 Programa**
Sindicalismo
-
- 23 Expoingá**
Seguro agrícola
-
- 24 Conseleite**
-
- 26 Via Rápida**
Super tanque, Frases, Grampo, Sherlock, Vida moderna
-
- 28 Cursos**
Agrotóxicos, Bovinocultura, Gestão de pessoas, Mulher atual, Posse e etc



Coopavel, Show Rural, Starmilk, um inovador

Refratário aos holofotes da mídia, na sua simplicidade, Ibrahim Fayad, 73 anos, filho de libaneses, nasceu em Wenceslau Braz, ajudou Avelino Vieira, fundador do Bamerindus, a construir e erguer o banco ao espalhar agências onde o asfalto não existia, mas havia milhares de produtores rurais. Circulou por gabinetes refrigerados em Brasília e Curitiba, mas sua trajetória tem a marca do campo. Fayad, em 1985, mergulhou de mala e cuia em Céu Azul, a 40 quilômetros de Cascavel, mais precisamente na Fazenda Iguaçu Starmilk. O oeste do Paraná teve a sorte desse descendente de libaneses resolver, há um quarto de século, trocar o terno e a gravata pela botina, a calça jeans, a camisa esporte e gostar do cheiro e do jeito de vacas.

Sua fazenda modelar tem 1.100 hectares cobertos pela pecuária de leite, reflorestamento, plantio de soja, trigo, milho e canola. Essa estrutura é administrada pelo

Ibrahim Fayad, o semeador



Fotos: Lineu Filho

médico-veterinário Mário Sossela, o “Marinho”, um dos seis filhos adotivos de Fayad. É ali que estão mais de 1.100 vacas, em média a metade em lactação, numa produção diária de cerca de 20 mil litros. O crédito para a transformação da StarMilk, há mais de uma década, em modelo de pecuária de leite é creditada por Fayad ao seu amigo Mario Viechnieski que o convenceu a complementar as atividades. Viechnieski tinha o know-how da produção qualificada de leite e continua até hoje com Fayad.

Hoje, a região Oeste sedia uma das maiores bacias leiteiras do Paraná e a StarMilk está entre as cinco maiores plantas leiteiras particulares do Estado.

“A atividade da fazenda sempre buscou o item qualidade que é o nosso foco junto com conforto animal e meio ambiente. Agora com vinda de empresas para região que pagam por qualidade ficou ainda melhor”, conta “Marinho”.

Bem estar, carinho extremo e respeito aos animais da StarMilk, para Fayad “as vacas não tem preço”

Ração balanceada e ambiente refrigerado





Lineu Filho

O orgulho de ter construído uma família: a sobrinha Carolina, Fayad e o filho-sobrinho Mario Sossela

Previsto para julho próximo, mas adiado para o próximo ano, Fayad tem um justo mas recatado orgulho do Simpósio Starmilk, onde especialistas americanos, europeus e brasileiros mostram e discutem os últimos avanços na bovinocultura de leite. Há disputa para as inscrições no Simpósio, top no Brasil, algo como a Formula 1 do leite nacional. “A gente reúne produtores, técnicos e alunos para aulas práticas aqui na fazenda enquanto as palestras são realizadas em Cascavel ou Toledo”, conta Fayad. (Informações e inscrições no site da StarMilk www.starmilk.com.br)

Coopavel e Show Rural

No seu embornal de atividades rurais, Fayad guarda as lembranças da recuperação da Coopavel, junto com Salazar Barreiros e Dilvo Grolli, o primeiro produtor e ex-prefeito de Cascavel e, hoje, na direção da cooperativa. “Uma coisa que vi é que tínhamos de mudar e rápido foi a atuação da cooperativa. Ela tinha de deixar de ser apenas

receptora, para ser também processadora de alimentos produzidos no campo. Isso iria dar fôlego e valorizar a produção agrícola”, traduz ele. Deu certo.

Outra iniciativa vitoriosa pode ser constatada todos os inícios de ano, às margens da BR-277, quase na entrada de Cascavel. Em fevereiro passado, mais de 200 mil pessoas, inclusive do exterior, alvorçaram a 24ª edição do Show Rural, movimentando segundo os organizadores mais de R\$ 800 milhões. Lá se vai quase um quarto de século, quando junto a uma dezena de líderes de Unidades da Coopavel, formadores de opinião e alguns, Fayad realizou o embrião do Show Rural – o Dia de Campo, apenas para associados da cooperativa. Aos participantes recomendou que se “recondicionassem, porque o que veriam aqui é para levar a todos os rincões”, pediu aos então parceiros pioneiros 120 participantes. Batata.

“Hoje a informação é fácil de acessar, naquela época não havia meios. A solução era dividir para crescer, disseminar o que



Fernando Santos

tínhamos disponível em técnicas e manejo”, lembra. O Show Rural é considerado o maior evento do agronegócio do país e a ideia original de difundir a tecnologia no campo se amplia a cada ano. Fayad credita ao Show Rural o aumento da produtividade em feijão (de 34 a 40 sacas para 100 a 120 sacas/alqueire), em milho (de 150 para 450 sacas), e a soja de 80 para 145 sacas/alqueire. “Este conhecimento não estava estocado em que lugar algum” responde Fayad, porque as instituições de pesquisas desenvolviam a técnica, mas não havia quem as divulgasse. O Show Rural cumpriu esse papel. É um evento que não tem parque de diversões, não tem linguça, churrasco ou show artístico. “O show aqui são as novas técnicas”, resume Fayad, que enumera o crescimento das novas cultivares (variedades) lançadas pelas instituições de pesquisa.

O sucesso alcançado como empreendedor rural visionário despertou a amizade e a cobrança dos políticos.

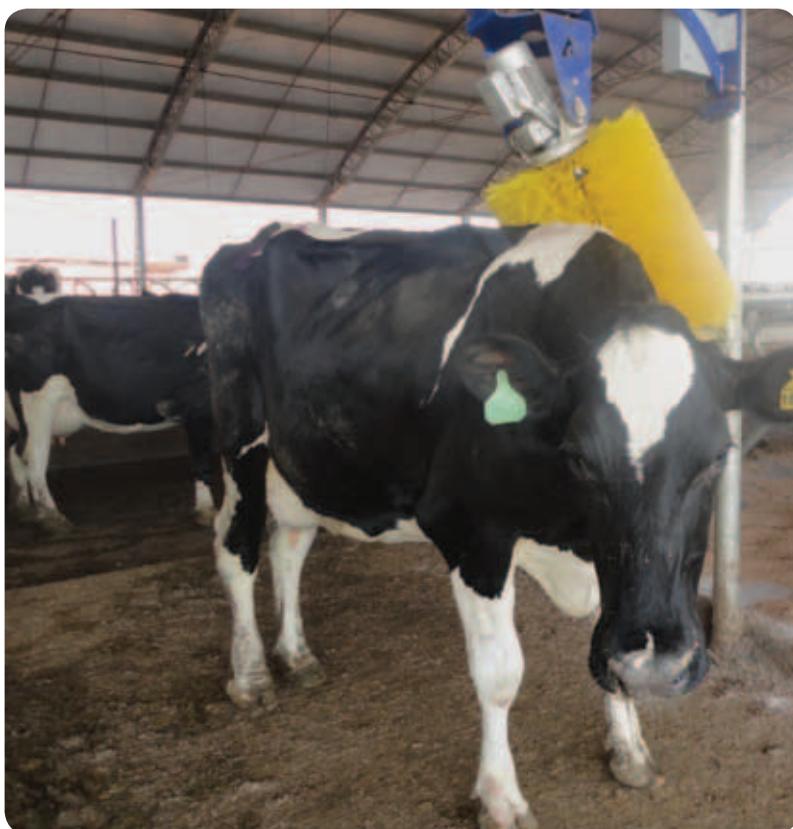
Na política

Em 1998 Fayad recebeu um convite do governador Jaime Lerner para compor o governo. “Nunca fui afinado de ficar trancado em uma sala”, revela. Depois de muita conversa acabou assumindo a sala do então chefe de gabinete, Gerson Guelmann, que tinha se ausentado do cargo para tratar da campanha de reeleição de Lerner.

Fayad relembra que os tempos eram difíceis com muitas invasões de terra no Paraná e a venda do Banestado. Como de agricultura ele entendia por conta da vivência pelo interior, montou uma estratégia de trabalho junto com os presidentes dos sindicatos rurais. “A essa altura eu já havia ajudado a estruturar a Agência de Fomento do Paraná para apoiar o pequeno produtor rural”, conta.

Logo em seguida chegou ao governo federal, na Secretaria de Política Agrícola, do Ministério da Agricultura e do Abastecimento (Mapa), onde trabalhou com os ministros Francisco Turra e seu sucessor

O Show Rural é o maior evento da América Latina de difusão tecnológica na agropecuária



Desestressador:
as vacas fazem
fila para usar o
equipamento

Fotos: Divulgação



Marcus Vinícius Pratini de Moraes. “Quando assumiu o Pratini me chamou e fez uma pergunta bem simples: O que a agricultura precisa? Não hesitei: a agricultura está asfixiada pela correção monetária, os agricultores não conseguem crescer porque não têm condições com a correção dos financiamentos e outro grande problema é a falta de seguro agrícola”, respondeu Fayad.

Embora tenha permanecido apenas um ano em Brasília, foi o suficiente para brigar pelo fim da correção monetária nos financiamentos rurais. E nesse período foi lançado o Moderfrota, que viabilizou a renovação da frota de equipamentos agrícolas nas propriedades.

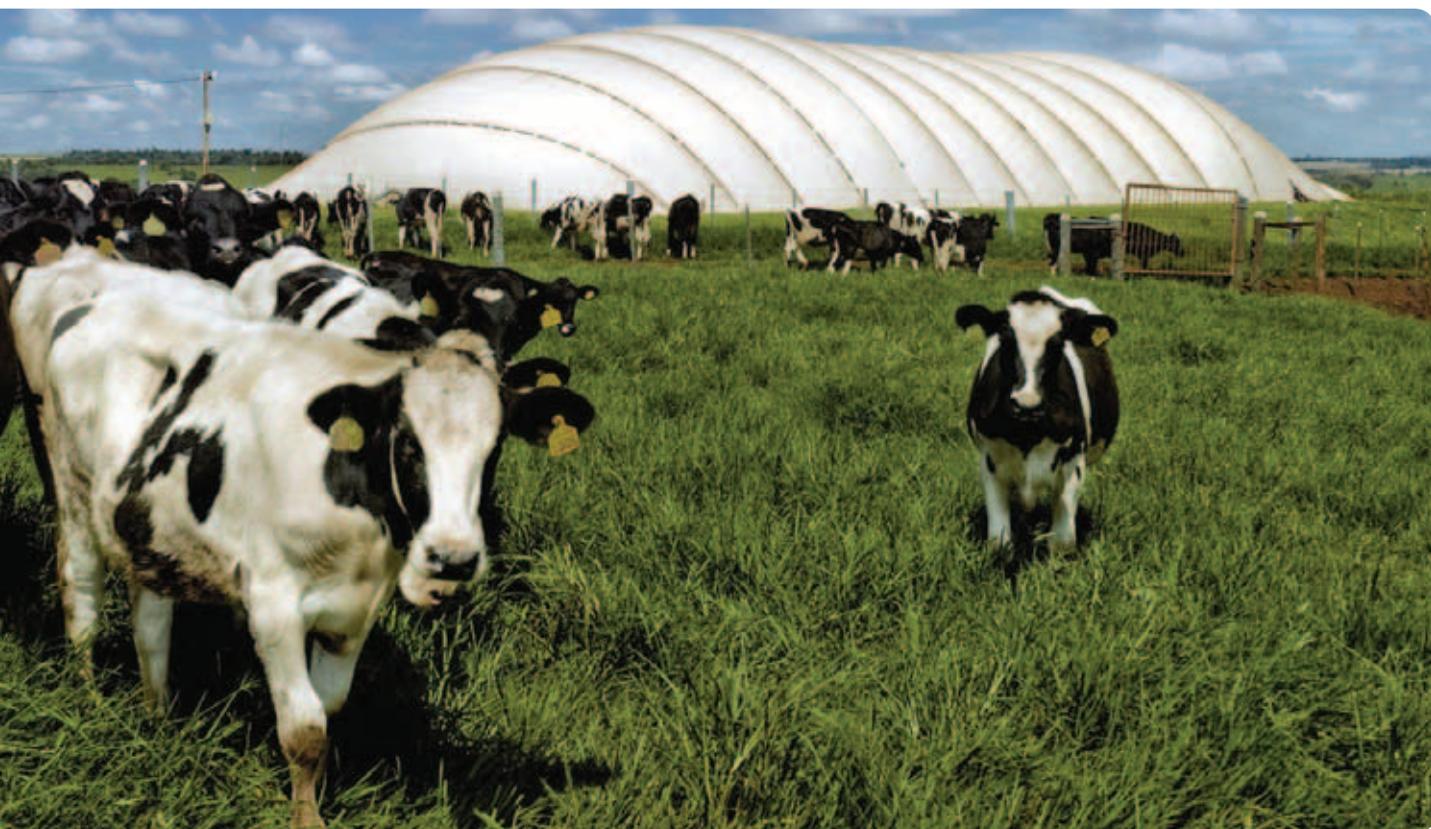
E de fato sua vida não era para gabinetes. Voltou o mais rápido possível à lida no campo e há dois anos foi sondado, mas não deixou germinar a ideia de se transformar em secretário da Agricultura de Beto Richa. Fayad, casado com Sueli, católico fervoroso, credita a Ele o que conseguiu realizar. “Só tenho a agradecer a Deus por tudo de bom

que tem acontecido, nossa vida é meio um sacerdócio, doação”.

E ao contrário do que o pensador e poeta libanês Khalil Gibran dizia: “Quem estuda e adquire conhecimentos mas não os pratica nem repassa o que aprendeu é um homem que lava e não semeia”. Ibrahim Fayad lavrou e semeou.

As vacas no bem-bom

Camas macias forradas com espuma de pneus triturados, uma camada de lona especial, outra de lona comum e depois serra-gem. Feno e ração de primeira, balanceados, temperatura e ventilação controladas na área absolutamente higiênica. No galpão o tratamento às vacas da StarMilk é VIP, cuidadoso com o adereço de aparelhos “desestressadores”. Espécie de massagedores as vacas já bem acostumadas, esfregam nos aparelhos, num vaivém constante. “Elas têm uma natureza melhor do que o ser humano, se respeitam, tem o lugarzinho para se deitarem, uma respeita a outra. E quando vem a necessidade



de usar aquele instrumento elas entram em fila”, exemplifica Fayad mostrando o extremo carinho com os animais.

Não bastassem as mordomias com o bem estar do rebanho, tudo é matematicamente computadorizado. As vacas carregam no pescoço um sensor, que transmite as informações para um centro de controle, revelando, por exemplo, numa espécie de “ficha funcional”, quando nasceu, quantos litros produziu, quando ela foi vacinada. “Tudo, tudo, tudo”, completa Fayad.

Elas são felizes e respondem a tudo isso com mais leite, como observam o empresário Faiad e o médico-veterinário Mário Sos-sela Filho, diretor geral da fazenda.

Ao rebanho de mais de 1.000 vacas (em lactação de cinco, seis centenas) resulta numa produção diária estimada de 20 mil litros de leite. Para isso, porém, há outros dois componentes: recursos técnicos e funcionários (as) bem treinados.

“Não adianta ter a melhor vaca, se você não dá um bom ambiente para liberar todo

o seu potencial; não adianta ter uma vaca de alta produção com boas condições de ambiente, se o funcionário que cuida do manejo não trabalha feliz. E não adianta ter a melhor energia se não posso aproveitar bem essa energia”, traduz Fayad.

Energia limpa

Cerca de 70% da energia consumida na fazenda tem geração própria, porque três vezes ao dia o esterco do curral é bombeado a um biodigestor. O gás convertido é levado em um gerador de 140 KVAs. A energia excedente em horários de menor consumo é repassada automaticamente, em paralelo, para a Copel. O abastecimento da fazenda vem de duas fontes paralelas que se complementam. Assim, ao mesmo tempo em que a fazenda gera excedentes para a Copel, ela recorre à estatal para se abastecer nos picos de demanda, com muitos aparelhos ligados. Essa alternância – os técnicos preferem chamar de paralelo – depende da necessidade do momento.

O biodigestor, que processa o esterco dos animais é responsável por 70% da energia consumida na propriedade

Eles devem ter o faro e a percepção de um repórter, a capacidade de comunicação de uma professora e o comportamento de um vendedor capaz de entender o que seu cliente realmente deseja. Espalhado pelo Paraná em 15 regionais, o SENAR-PR está realizando entre abril e início de junho o treinamento de um pequeno exército de pouco mais de 200 mobilizadores vinculados a 15 Sindicatos Rurais. Essa força tarefa funciona como mola propulsora da qualificação dos produtores e trabalhadores rurais, sob o comando dos supervisores instalado nas regionais. “Não adianta dispormos dos melhores cursos, os melhores instrutores, precisamos uma base ágil que divulgue e organize as turmas”, diz o gerente técnico do SENA-PR, Elcio Chagas.

O bom mobilizador deve garimpar nas centenas de propriedades rurais as aptidões e as cadeias produtivas em que as comunidades estão mais envolvidas. “Não adianta querer dar cursos de apicultura, por exemplo, onde não se criam abelhas. Ou num curso sobre máquinas colheitadeiras o mobilizador deve identificar quem precisa de oito horas ou de 80 horas de curso”, diz Francisco Pelição de Oliveira, supervisor em Matelândia e com 27 municípios sob sua responsabilidade.

Muitos produtores, atraídos pela variedade de cursos oferecidos pelo SENAR-PR, se atiravam em diferentes alvos. Com o Plano de Mobilização, os mobilizadores estabelecem uma interação com os parceiros locais e com os interessados e encaminham a determinados treinamentos e cursos de qualificação.

Novo foco

“Queremos que o mobilizador tenha um novo foco na organização dos cursos – o da educação continuada. Nossa meta é que o produtor participe de todos os cursos possíveis dentro da sua área de atuação e da cadeia produtiva. Só assim o SENAR-PR vai encurtar o caminho entre ele e uma melhor

Mobilizaç



Nossa meta é que o produtor participe de todos os cursos possíveis dentro da sua área de atuação e da cadeia produtiva.

produtividade e renda”, explica Eduardo Figueiredo Mercado, supervisor em Irati e com atuação em 21 municípios. Com a implantação do Planejamento Estratégico de Mobilização (PEM) em 2009, cresceu em média 10% ao ano o número de horas de capacitação oferecidas aos produtores e trabalhadores rurais. Foram formadas nove turmas de capacitação de mobilizadores. Tem sido como transformar enfermeiros em clínicos gerais capazes de fazer um prognóstico e discutir com seus supervisores qual o diagnóstico para cada grupo de clientes.

Além disso a capacitação mostra a importância do conhecimentos sobre o funcionamento do Sistema FAEP, da CNA, o conteúdo dos cursos e para qual público é

ão Geral

O treinamento de mobilizadores de todo o Estado



Fernando Santos

mais indicado, “itens que complementam o bom desempenho dos mobilizadores”, explica Josiel Nascimento, supervisionando 20 municípios de sua base, a Regional de Campo Mourão.

Todos tem a oportunidade de expressar as dificuldades no processo de mobilização e absorver as novas estratégias estabelecidas, além da oportunidade de trocar experiências. Um pacto de cooperação com os sindicatos rurais, prevê que os mobilizadores tenham prioridade para a tarefa de organizar os eventos, deverão ter mobilidade para executar as tarefas, além de aprofundar o trabalho de diagnóstico das atividades desenvolvidas no município. E quem sairá ganhando é o produtor rural.

Queremos que o mobilizador tenha um novo foco na organização dos cursos – o da educação continuada.

O TIME

Distribuídas por todo o estado em cidades-polos de regiões, as 15 regionais são comandadas pelos supervisores.

São eles:

Curitiba: Luis Guilherme P. B. Lemes
36 municípios

Ponta Grossa: Eduardo Gomes de Oliveira
16 municípios

Irati: Eduardo Figueiredo Mercado
21 municípios

Guarapuava: Aparecido Ademir Grosse
19 municípios

Pato Branco: Sidnei Éverton Andric
19 municípios

Francisco Beltrão: Eduardo A. Marcante
23 municípios

Matelândia: Francisco Pelição de Oliveira
27 municípios

Assis Chateaubriand: Luiz Angelo Fillus
29 municípios

Pitanga: Davi Andre Martins Claro
27 municípios

Campo Mourão: Josiel do Nascimento
20 municípios

S. Antônio da Platina: Aislan Lucas Macedo
32 municípios

Londrina: Arthur Piazza Bergamini
37 municípios

Umuarama: Jean Carlo Gonçalves Carraro
29 municípios

Mandaguaçu: Salvador José Morales Stefano
33 municípios

Paranavaí: Reverson Ferreira R. Camargo
31 municípios



Fernando Santos

“O mobilizador precisa conhecer seus parceiros e a comunidade para atuar com eficiência”. Eduardo Mercado, supervisor de Irati

Andressa Regina Granadier, Ibaiti: Com este curso teremos mais condições de aprimorar nosso trabalho. Um exemplo é participarmos da abertura e encerramento de todos os cursos. É aí que você cria vínculo com os produtores.

Nadir Aparecida das Neves, Floresta: Em nosso município trabalhamos muito com os parceiros: cooperativas, Emater, Prefeitura. Eles são fundamentais não só para o sucesso dos cursos, mas para identificarmos as carências dos produtores rurais. Em seis anos de trabalho sempre fiz questão de marcar presença nos cursos. Que bom que agora isso é uma estratégia.

Viviane de Camargo Penteado, Bandeirantes: O fato de termos que acompanhar de perto os cursos, vai ser fundamental. Assim, teremos condições de falar e explorar com nosso público alvo a alta qualidade dos cursos do SENAR-PR. Esta era uma estratégia usada por alguns colegas e agora será uma condição de trabalho.

Selman Setsuko Shimysu, Congonhinhas: Trabalho no sindicato há 25 anos e aprendi que as parcerias são fundamentais, mas nada vem de graça. Como mobilizador é preciso interagir com seus parceiros.

Ana Paula Cunha, Wenceslau Braz: Além das informações técnicas este curso está proporcionando a troca de experiências. Aprender com os colegas mais experientes também é muito importante.

Viviane Messias, Joaquim Távora: As mudanças feitas pelo SENAR-PR em relação ao trabalho dos mobilizadores vieram na hora certa. Agora estão vendo a mobilização com os nossos olhos e o que precisamos para fazer nosso trabalho de forma mais aprimorada.

Verônica Macedo, Mariluz: As visitas técnicas aos nossos parceiros e ao produtor rural são muito importantes. É nesse momento que passamos toda a credibilidade do sindicato rural.

Angélica Pelisson, Maringá: O curso trouxe uma nova estratégia de trabalho para melhorar nosso trabalho junto aos produtores.

Luana Honorato, Curiúva: Trabalho como mobilizadora há um ano. Queria que este curso tivesse acontecido antes, com certeza teria sofrido menos. É importante que tenhamos esta troca de experiências com os colegas, assim aprendemos mais.

Tiago Pinto de Magalhães, Laranjeiras do Sul: O curso trouxe informações novas que vão contribuir para o bom desempenho do nosso trabalho.

Marli Sauruk, Irati: Sou mobilizadora há 16 anos. Para mim o curso foi ótimo. Alguns conteúdos eu já sabia, mas é sempre bom fazer uma reciclagem. Outra coisa que é muito positiva é poder trocar informações com os colegas mais novos.

Talles Felipe Alves Grein, Apucarana: Os temas abordados de uma maneira geral a gente conhece, mas no curso tivemos a oportunidade de aprofundar, o que enriquece muito. Achei o curso excelente.

Osias Carlos de Oliveira, São Jorge do Ivaí: Sou mobilizador há 13 anos, mas os desafios são grandes. O curso foi ótimo, mas nosso maior problema continua sendo o comprometimento do participante.

Anna Danielle Puchivailo, Rio Negro: O curso foi muito bom, um complemento sobre o novo pacto entre os sindicatos e o SENAR-PR. Trocar ideias com os colegas sempre é muito produtivo.

Um resgate histórico da evolução do Sistema do Plantio Direto (SPD) no Sul do país é o tema do livro lançado pelo Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). A obra “Plantio direto no Sul do Brasil: fatores que facilitaram a evolução do sistema e o desenvolvimento da mecanização conservacionista”, de autoria dos pesquisadores Augusto Guilherme de Araújo, Ruy Casão Junior e Rafael Fuentes Llanillo, identifica os fatores que contribuíram para a expansão do SPD e mostra a evolução do uso dos equipamentos agrícolas na região.

Um dos autores, o pesquisador Augusto Guilherme de Araújo, conta que a obra começou em 2008 a pedido da FAO para desenvolver um projeto de agricultura conservacionista no Quênia e na Tanzânia. Ele explica que o organismo internacional propôs fazer um mapeamento da trajetória e as dificuldades no desenvolvimento do SPD no Sul do país, levantando informações que pudessem subsidiar e tornar mais ágeis as ações nos países do Leste Africano.

Para fazer o resgate histórico, os autores entrevistaram 66 protagonistas da implantação e desenvolvimento do plantio direto no Sul do Brasil. Foram ouvidos pesquisadores, técnicos, produtores e representantes de indústrias e empresas revendedoras de máquinas agrícolas. Os primeiros estudos científicos sobre agricultura conservacionista e os precursores do SPD no Estado, como os produtores rurais Hebert Bartz, pioneiro no plantio no Paraná, e Manoel (Nonô) Pereira e Franke Dijkstra, na região dos Campos Gerais do Paraná, estão entre os temas do livro.

25 milhões de hectares

O SPD deu nova perspectiva ao uso e manejo dos solos e da água. Estima-se que o sistema seja atualmente adotado em 25 milhões de hectares no Brasil. No Paraná, são aproximadamente 5 milhões de hectares – cerca de 90% da área cultivada destinada à produção de grãos no Estado.

História do plantio direto no Sul do Brasil

Pesquisadores do Iapar contam a evolução do SPD



Serviço

Livro: “Plantio direto no Sul do Brasil: fatores que facilitaram a evolução do sistema e o desenvolvimento da mecanização conservacionista”, 77 páginas.

Autores: Ruy Casão Junior, Augusto Guilherme de Araújo e Rafael Fuentes Llanillo.

Preço: A distribuição é gratuita. Interessados pagam apenas as despesas de correio, no valor de R\$ 6.

O livro também está disponível na versão online pelo site www.iapar.br



O bem estar animal está aí

Os cuidados com os animais podem ser a nova barreira comercial

Médica-veterinária, Mestre e Doutora em Comportamento e Bem-Estar Animal, professora Carla Maiolino Molento coordena o Laboratório de Bem-Estar Animal (LABEA), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), concedeu entrevista ao programa de rádio Campo & Cia do Sistema FAEP (www.campoecia.com.br) e a este BI.

BI – O bem estar animal ainda é uma conversa de ativistas ecológicos ou vai muito além disso?

Carla Molento – Às vezes as pessoas têm a percepção de que o bem estar animal é um modismo. O que a gente tem hoje é uma consolidação crescente deste tema, que inclusive beneficia os produtores brasileiros. Ele é percebido com certa polarização, entre o ativismo, a proteção animal e a produção de alimentos. Na verdade ele não é polarizado, é um tema que nos beneficia como grandes produtores de proteína de origem animal.

BI – O tema tem a ver com o atendimento às exigências do mercado internacional?

CM - O que a gente enxerga é que o Brasil ainda



Divulgação



Fernando Santos

não está explorando o potencial que tem como um dos países, seguramente, de maior potencial de bem estar animal nos seus sistemas produtivos.

Quando a gente prepara os indicadores da produção animal no Brasil percebe que nós somos um tanto imbatíveis nesta questão. Seja no cenário das produções mais intensivas como suinocultura, avicultura e mesmo na questão da bovinocultura.

As condições que nós temos de bem estar animal, nossos sistemas produtivos, pelo menos potencialmente são imbatíveis.

BI – O que baliza essa questão no Brasil?

CM – Esse tema é importantíssimo, essa área é um tanto nova, mesmo dentro da academia. Nós estamos importando recomendações que vem da Europa e da América do Norte. Esses países têm uma tendência a privilegiar a produção confinada de animais, e esse não é o grande potencial que o Brasil tem para mostrar.

A Europa e América do Norte precisam que

exista essa associação entre alto grau de bem estar com confinamento, porque eles não têm condições de fazer a produção animal com acesso ao ar livre que nós temos.

É muito importante que haja um investimento no nosso país para a produção de recomendações sobre as nossas condições de produção. Isso nos dará um diferencial de bem estar animal muito alto e que atenderá seguramente a demanda das sociedades, que são mais exigentes em relação a isso, como a europeia.

BI – Quem faz estas recomendações ao produtor?

CM – Quem faz as recomendações normalmente são as associações. Nós temos hoje aqui no Brasil, por exemplo, as recomendações da União Brasileira de Avicultura sobre questões de bem estar animal.

Nós precisamos incrementar estas associações para dar o devido valor às nossas condições propícias a sistemas de alto grau de bem estar.

Muitas vezes a primeira reação das pessoas

até da sociedade consumidora é pensar que bem estar é uma atribuição de responsabilidade do produtor. Esta é uma verdade parcial, ela não é completa. Porque muitas vezes os nossos produtores estão inseridos num sistema que lhes dá pouca flexibilidade de fazer alterações e inovações. A gente precisa que toda a cadeia produtiva esteja mais bem informada com relação a estas questões de bem estar.

BI – Escondendo questões econômicas, os países importadores argumentam com questões sanitárias. O bem estar animal pode ser outro mecanismo a ser utilizado pelos grandes importadores?

CM – Seguramente o bem estar animal é a próxima grande barreira comercial. A gente pode ter certeza disso pela própria legislação interna, pegando o exemplo da comunidade europeia. Existem hoje limitações de confinamento em função exclusivamente de questões de bem estar.

Eles não vão limitar os produtores internos europeus e deixar isso em aberto para a importação de outros países. Então essa barreira comercial vem seguramente.

O que falta talvez ainda hoje no Brasil é a percepção que com o nosso grande potencial, nós deveríamos estar pedindo que o bem estar animal fosse levado em consideração nas negociações internacionais. Desde que nós desenvolvamos indicadores nacionais de bem estar para os sistemas nacionais e tenhamos profissionais capazes de conversar sobre isso.

BI – O que está faltando?

CM – Está faltando investimento em pesquisa nacional nessa área. Inclusive a gente tem a ideia de produzir uma demanda induzida no próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para que haja autonomia, transformando num assunto que seguramente será benéfico para a produção animal no Brasil.

BI – A Sra. disse que o Brasil tem uma vocação, tem um potencial para produzir em



“

O que falta talvez ainda hoje no Brasil é a percepção que com o nosso grande potencial, nós deveríamos estar pedindo que o bem estar animal fosse levado em consideração nas negociações internacionais.

”

conformidade com este bem estar. Então o nosso investimento não deve ser tão alto, e o retorno é compensador?

CM – A relação entre bem estar animal e custo de produção é uma relação complexa, não é linear para um lado nem para outro.

Às vezes a gente escuta: se aumentar o bem estar, aumenta a produção, ou, se aumentar bem estar, diminui a produção.

O melhoramento do manejo etológico (*) de bovinos, no momento do embarque destes animais, do transporte, do desembarque e do abate. Isso vai ter um efeito bastante grande de início, com a diminuição de descarte de carne. Porque nós perdemos muita carne por erros de manejo. Então gera contusão, o animal fica machucado e aquela carne vai para descarte.

No momento que você programa bem estar no manejo pré-abate e no abate, geralmente há um retorno bem alto em termos de lucro da atividade como um todo.

* Estudo do comportamento animal.

BI – O bem estar então está vinculado ao bolso?

CM – Seguramente sim, mas ele age nos dois sentidos. Existem também as outras situações onde o aumento de bem estar significa aumen-



Arquivo

to de custo.

Os principais exemplos dessa situação são as questões relativas à escala de produção. Quanto mais eu aumento a densidade de lotação, mais eu aumento minha produtividade.

Talvez não a produção por animal, mas a produtividade como um todo aumenta pela escala. Só que isto tem efeitos negativos para o bem estar animal.

Por isso, por exemplo, que comunidades como a europeia colocaram limites legais. Estão hoje proibindo legalmente alojamento individual de porcas, proibindo legalmente as gaiolas para galinhas poedeiras na produção de ovos.

Por que esta proibição vem da lei? Porque se entende, nesses casos, aonde o aumento de bem estar significa um aumento de custo. Se isso for deixado simplesmente para as regras de mercado, nunca vai acontecer.

BI – Deve ser interessante que estas normas sejam adotadas coletivamente ou pelo menos em grupos de produtores, que possam se associar e criar um selo. Divulgar ao consumidor que ele faz estas práticas. Há espaço para esta divulgação desta diferenciação dos produtos?

CM – O consumidor desconhece os sistemas

“

Eu acredito que quem quiser ter vanguarda e acompanhar este movimento deve ser proativo, ao invés de esperar que seja obrigado. Deve olhar o que está acontecendo nas regulamentações europeias, que estão sendo implementadas.

”

atuais de produção. Então costuma-se dizer, por exemplo, que o consumidor brasileiro não se importa muito, que ele quer o menor preço.

Temos pesquisas mostrando que pelo menos o consumidor paranaense se importa, sim, desde que ele tenha informação. Então, por exemplo, se o consumidor vê duas dúzias de ovos com preços diferentes, e ele não entende a diferença que tem no sistema produtivo, a única variável que ele vê é o preço e vai escolher o mais barato.

BI – O consumidor já faz isso pagando mais caro pela dúzia de ovos caipira, por exemplo...

CM – Exatamente, bem estar animal está relacionado a isso. Desde que nós desenvolvamos um sistema de certificação confiável. Esta é outra área de atuação que a gente precisa investir muito. O consumidor precisa ter alguém assegurando isso, quando paga mais caro e lê num rótulo que existe alto grau de bem estar animal no sistema produtivo.

Então nós estamos ainda dando os primeiros passos neste sentido, mas é um mercado muito promissor, o nicho de mercado para situações especiais de alto grau de bem estar.

BI – Quando você imagina que aquele que não produzir com bem estar vai estar isolado no processo produtivo? Lá fora o calendário anda mais rápido, mas e aqui?

CM – É difícil prever, eu tenho sido surpreendida por uma realidade mais ágil do que minhas previsões anteriores em relação a bem estar animal. Eu acredito que quem quiser ter vanguarda e acompanhar este movimento deve ser proativo, ao invés de esperar que seja obrigado. Deve olhar o que está acontecendo nas regulamentações europeias, que estão sendo implementadas. Em 2012/2013 há importantes restrições em função de bem estar animal. E se preparar porque não sei se seriam cinco ou 10 anos, mas o que eu posso afirmar de forma bem tranquila é que é uma tendência inexorável, não vai mudar. E a evolução do conhecimento do consumidor, da preocupação ética dele nessa direção não vai mudar.

Touro ambiental

A turma da agropecuária está preparando seu posicionamento para apresentar à Rio+20. Ao que tudo indica, mostrará que concorda em carregar a agenda ambiental no campo, assumindo o protagonismo da agricultura sustentável. Chega de levar paulada dos ambientalistas.

Quem coordena as discussões, visando à elaboração do documento oficial, é a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Quatro reuniões já foram realizadas, duas delas em Brasília, uma terceira em Uberaba, com apoio da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), e a quarta em São Paulo, na sede da Sociedade Rural Brasileira. A iniciativa despertou o interesse de lideranças jovens, que se misturaram aos tradicionais representantes do setor para discutir os novos desafios da produção rural. Inusitado.

O texto preliminar da CNA começa afirmando que “a produção de alimentos é interdependente da conservação dos recursos naturais”. Bom começo de conversa. Mais que qualquer pessoa, o agricultor vive próximo da natureza e sabe o quanto dela depende para continuar existindo. A seca já lhe ensinou que a água responde pela vida. E a erosão do solo nunca lhe deixou dúvidas de que conservar a terra protege um patrimônio da Nação.

Firma-se, nos grupos de trabalho, a ideia de que reside na inovação tecnológica, com sua posterior difusão, a chave no processo de transformação rumo à sustentabilidade. As tecnologias vinculam-se à sua época. Antigamente, nem da agronomia se necessitava para abrir florestas e drenar pântanos, expandindo a produção rural pelo trabalho rudimentar, garantindo assim o surgimento das cidades.

Hoje em dia, os dilemas da civilização exigem soluções mais sofisticadas e, certamente, mais complexas, capazes de enfrentar um duplo desafio: o da segurança alimentar e o da crise ambiental. A humanidade já crava uma pegada ecológica acima do suporte natural do planeta, como se emitisse notas promissórias contra o futuro. Ou se regride à época medie-

val, reduzindo a população e o consumo, algo impensável, ou se aposta no conhecimento para avançar.

O mundo sustentável se alicerçará sobre bases tecnológicas mais evoluídas, porém, certamente, criadas sob paradigma distinto do inerente ao crescimento perdulário forjado desde a Revolução Industrial. Muda o enfoque, tanto no campo quanto na cidade.

Essa crença na ciência se ampara na história da agropecuária brasileira. A melhor lição, recente, encontra-se na técnica do plantio direto. Foi somente quando se desenvolveu tal sistema de cultivo que o fantasma da erosão deixou de apavorar o campo. Copiados da Europa, os sistemas tradicionais de plantio - que exigem aração e gradeação do terreno antes da sementeira - jamais teriam conseguido a proeza de tornar o Cerrado um território marcante no celeiro mundial. Os solos mais arenosos do



Centro-Oeste, sujeitos a chuvas torrenciais, ter-se-iam destruído caso se mantivessem as práticas iniciais de sua ocupação.

Exemplos não faltam. Nos ganhos de produtividade que reduzem a pressão sobre novos desmatamentos, na energia renovável do etanol e do biodiesel, na integração da lavoura com a pecuária, na reciclagem de embalagens de agrotóxicos se percebem facilmente as vantagens tecnológicas rumo à sustentabilidade. Nos últimos 30 anos, com o sistema Embrapa «tropicalizando» a tecnologia, a produção de grãos saltou 238%, expandindo a área cultivada em apenas 36%. Show de competência.

Sim, problemas ainda persistem, reflexos da maneira tradicional, e predatória, de produzir no campo. Mas a tendência contemporânea está delineada. O polarizado debate sobre o Código Florestal não deixou dúvidas: ou os agricultores adotam a receita moderna na

produção, ou a sociedade os fará, na marra, engolir. Será inescapável pegar o touro ambiental à unha.

A participação do Estado será cobrada no documento que a CNA vai apresentar à Rio+20. Cabe ao poder público incentivar a agricultura sustentável, com maiores investimentos na pesquisa, garantindo boa rentabilidade da produção rural. Utopias animam as consciências. Mas a ecologia não pode esvaziar o bolso do agricultor. Dura realidade.

Ruralistas tacanhos resistem aos novos tempos. Sua posição faz contraponto aos ambientalistas bobocas, que apostam na regressão tecnológica. Ambos os radicais, ruralistas ou ambientalistas, fogem do problema central. Uns, sonhadores, sublimam o trabalho familiar, confundem produção orgânica com má agricultura. Outros, reacionários, se prendem ao passado sem perceber que aprisionam o futuro.

Resolvida, quando estiver, a pendenga sobre o Código Florestal, baixada a poeira, chegará o momento de as mentes abertas se entreolharem com mais respeito e consideração. Chega dessa discussão polarizada, e imbecil, que separa - ao invés de juntar - a agricultura do meio ambiente. Uma não vive sem o outro.

A Rio+20 poderia deliberar que a FAO, seu órgão para a agricultura e alimentação, organizasse melhor esse debate sobre a questão ecológica no campo. Uma aposta na conciliação, não na divergência. Os agricultores brasileiros querem sentar-se com os ambientalistas à mesma mesa. Dialogar com racionalidade, à frente de um interlocutor confiável.

Será que os ecologistas topam, contribuindo para a transformação virtuosa que ensaia o campo, em vez de apenas atirarem pedras na vidraça antiga do ruralismo? Quem, acreditando na mudança, trocará os cômodos holofotes da mídia urbanoide para amassar barro na roça? Qual deles prefere a difícil busca das soluções, verdadeiras, em lugar do discurso fácil, e falso, do holocausto ambiental?

Com a palavra os ambientalistas sensatos.



Divulgação

*Xico Graziano, agrônomo, foi secretário de Agricultura e secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo.
e-mail: xicograziano@terra.com.br*

(Publicado em O Estado de São Paulo 15/05/2012)

O valor do frete de commodities agrícolas no Paraná

Usp/Esalq e o estudo dos custos do agronegócio sobre rodas e trilhos

Em junho de 2011, a Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP) solicitou ao Grupo de Extensão em Agricultura Agroindustrial (ESALQ-LOG), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP/ESALQ) um estudo das tarifas rodoviárias e ferroviárias praticadas no Estado. “A principal demanda foi examinar o poder das concessionárias com relação ao transporte de commodities, com poucos agentes em atividade, o que resulta em um poder de mercado e tarifas nem sempre equiparadas aos custos do transporte. Além disso, não existe um marco regulatório que faça com que essas tarifas fiquem mais próximas da realidade”, disse Priscilla Biancarelli Nunes, coordenadora do Grupo ESALQ-LOG.

O projeto analisou as tarifas ferrovi-



Lineu Filho

Com Caio Albuquerque (USP – Esalq)

árias e rodoviárias do Estado do Paraná para diversos produtos do agronegócio nacional (soja, milho, farelo de soja, açúcar, etanol, calcário, fertilizantes, carnes e derivados), apresentando a relação entre os usuários do serviço de transporte rodoviário e ferroviário (empresas envolvidas no projeto), as concessionárias das ferrovias presentes no Estado e a Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT).

Para tanto, o projeto contou com a colaboração da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), que além de contribuir com informações importantes, facilitou o contato inicial com



as empresas cooperativas. Da mesma forma, houve a colaboração da Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná (Alcopar), que representou as empresas do setor sucroalcooleiro. De início, os pesquisadores do Grupo ESALQ-LOG mapearam o sistema, identificando os agentes envolvidos.

Num segundo momento, visitaram as empresas que se mostraram solícitas a cooperar com o projeto para entender o dia a dia logístico de cada uma delas. “Assim, pudemos entender como trabalham as empresas sucroalcooleiras, de grãos, de fertilizantes e as traders”, explica Priscilla.

Ferrovias mais caras que rodovias

Em um dos questionamentos realizados para cada empresa, o Grupo ESALQ-LOG abordou a competitividade logística de transporte de commodities para exportação pelo modal ferroviário (solução logística composta pela ponta rodoviária, transbordo e frete ferroviário) ou diretamente pelo modal rodoviário. Os resultados indicaram que a ferrovia não apresentou a competitividade esperada para este segmento de transporte: enquanto em 2010 a solução logística foi 3% mais cara do que o transporte rodoviário direto, no ano de 2011 a solução intermodal foi 12% superior ao transporte rodoviário direto. Em outras palavras, para as empresas entrevistadas o transporte pelo modal ferroviário foi mais caro do que pela rodovia.



Lineu Filho

Com esses dados, a equipe do ESALQ-LOG cruzou informações para observar de forma comparativa o comportamento dos valores praticados dos fretes e, em uma terceira etapa, foram calculados uma série de custos referenciais do transporte. Aí entram, por exemplo, custo de combustível, manutenção dos veículos, salários. Com esse valor referencial é feito um comparativo com as tarifas colocadas na prática. Na sequência do trabalho serão apresentados os simuladores de fretes para os setores rodoviário e ferroviário.

Sobre trilhos

No setor ferroviário, o Projeto Jamaica aponta que o desafio da concessão é equilibrar o interesse de todos os usuários e interessados no transporte ferroviário, pois devido ao aumento considerável do volume transportado, alguns agentes acabam sendo favorecidos e, ao mesmo tempo, tantos outros são excluídos. Sugere, ainda, que o serviço de transporte, envolvendo a compra de material rodante ou a construção de terminais, pode ser beneficiada por meio de projetos que envolvam Mecanismos de Desenvolvimento Limpo, de acordo com uma série de normas estabelecidas no Protocolo de Quioto. Além disso, atualmente as empresas concessionárias estão atendendo aos contratos de concessão, mas os contratos

não estão atendendo de forma adequada aos interesses da sociedade, fazendo com que diversos agentes solicitem mudanças nos aparatos regulatórios. Diante disso, tais agentes recorrem críticas frequentes à qualidade dos serviços realizados pelas ferrovias envolvendo disponibilidade de trens e garantia dos contratos comerciais.

A melhoria desses serviços exige, portanto, a modificação ou readequação dos contratos de concessão de forma permanente para que o foco se volte para o atendimento dos usuários das ferrovias. O relatório apresentado pelo Grupo ESALQ-LOG afirma que a busca por um modelo ideal de concessão parece ser uma tarefa difícil, já que os diversos casos verificados no mundo indicam que não há um modelo de referência que possa ser utilizado sem sofrer adaptações e ajustes. No entanto, os pesquisadores lembram que a promoção do setor ferroviário pode ser realizada por meio de projetos que indiquem benefícios ambientais decorrente da mudança do modal rodoviário pelo ferroviário. Os Mecanismos de Desenvolvimento Limpo podem ser utilizados tanto pelas concessionárias quanto por empresas embarcadores para a expansão e melhoria dos serviços de transporte ferroviário. “O mercado hoje consegue abater o valor das tarifas apenas de forma pontual, sem continuidade

de. Muitos grupos do agronegócio têm investido na compra de vagões, por exemplo, mas sem que isso reflita no frete. Portanto o simulador é capaz de mostrar o ganho de produtividade advindo de operações de melhoria na infraestrutura”, aponta Priscilla.

Rodoviário

No setor rodoviário, o Projeto já apresentou o simulador desenvolvido pelo Grupo ESALQ-LOG, que teve como base de precificação uma metodologia na qual são separados os custos fixos e variáveis sobre o transporte de cargas. No âmbito dos custos fixos, aqueles que não variam mediante a utilização do veículo de transporte, deve-se ressaltar que há diferenças entre empresas transportadoras frotistas e caminhoneiros autônomos. Para o grupo de transportadores frotistas, além dos gastos envolvidos com a aquisição dos veículos e carretas para o transporte, e as despesas operacionais do conjunto, existem outros custos como folha de pagamento, impostos, aluguel, conta de água e de energia elétrica. Geralmente estes custos são calculados por mês, pois não variam com a distância percorrida pelo veículo. Sendo assim, quanto mais utilizado for o equipamento, mais serão diluídos os custos fixos do mesmo.

Já no âmbito dos custos variáveis, levam-se em conta todos os custos relacionados com o deslocamento do caminhão, ou seja, desde sua origem até seu destino final. Dessa maneira, quanto maior a quilometragem rodada, maior serão os custos variáveis. Para a padronização dos resultados do simulador, foram utilizados cavalos mecânicos da série Axor da Mercedes Benz, sendo os modelos Axor 2035, Axor 2540 e Axor 2644, alocados de acordo com a carreta do conjunto. Desta forma, foram fixados seis tipos de conjuntos (cavalo/carreta): Carreta basculante, Bitrem basculante, Bitrem graneleiro, Rodotrem basculante, Rodotrem graneleiro e Bitrenção (bitrem de 9 eixos).

Assim, o simulador rodoviário foi desenvolvido para efeito de comparação entre os fretes disponibilizados pelas empresas e os fretes calculados pelo próprio simulador de acordo com os dados de mercado do Paraná. Os resultados obtidos para todos os setores (sucroalcooleiro, grãos, fertilizantes e análise geral) se aproximaram dos fretes disponibilizados pelas empresas participantes do Projeto Jamaica.

Oferta e demanda

Além disso, o simulador serviu como base de estudo e método de comparação de cenários gerados pelo Grupo ESALQ-LOG a fim de mostrar as diferenças significativas de alguns panoramas. O uso do simulador foi de suma importância para a busca de valores referenciais para frota de diferentes idades, comparação entre custo de transporte para a empresa e para motoristas autônomos e avaliação dos impactos sobre o frete em relação à qualidade de vias. Ainda durante a simulação dos cenários observou-se que, em termos de custos de transporte, existem variações expressivas e importantes aliadas à diversas peculiaridades: idade da frota, qualidade da via, entre outras. Tais peculiaridades são de responsabilidades distintas nos agentes de mercado – algumas recaem sobre o transportador, outras sobre o embarcador e o governo também tem participação expressiva nestes fatores. No dia-a-dia do setor, entretanto, tais características não são “precificadas” no mercado, ou seja, as pressões de oferta e demanda do serviço de transporte rodoviário são mais significativas na determinação do preço do frete, de maneira que os custos de transporte não refletem de forma direta no mercado. “Ainda assim, no longo prazo, estes custos são incorporados no preço do frete, seja por meio de reajustes nas tarifas praticadas, seja a partir da grande entrada e saída de agentes no mercado”, conclui a coordenadora do Grupo ESALQ-LOG.

Inovação e conhecimento

A conclusão do programa de gestão sindical e de pessoas

Numa espécie de pós-graduação, 55 funcionários de sindicatos rurais e usinas concluíram no último dia 10, em Curitiba, o Programa de Formação em Gestão Sindical e em Gestão de Pessoas, do Sistema FAEP.

“O objetivo deste curso é qualificar os funcionários dos sindicatos para manter o alto padrão do serviço prestado aos produtores”, diz o coordenador do Departamento Sindical da FAEP, José Carlos Gabardo.

De acordo com os participantes o curso atendeu as novas necessidades gerenciais dos sindicatos, tanto em relação à capacitação como a preparação dos funcionários para novas demandas dos produtores.

“O nível dos professores foi excelente e contribuiu muito para nossa motivação ao longo do curso. Já tenho graduação em Administração e este curso foi uma pós-graduação”, conta Marcia Maria Noschang, funcionária do Sindicato Rural de Medianeira há 14 anos.

“O crescimento do grupo foi excepcional. Ao longo do curso foram repassados conhecimentos sobre gestão sindical, contábil, jurídica e principalmente de pessoas”, avaliou o coordenador acadêmico do curso Francisco Bittencourt, que também é professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), graduado em Engenharia da Produção com foco na Gestão do Agronegócio pela Universidade Federal de Santa Catarina, e mestre pela FGV.

Os módulos

A turma foi dividida em 14 grupos para apresentação dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), que foram avaliados pelo coordenador do curso professor Francisco Bittencourt, pela professora de Oratória da PUC-PR, Sirley Machado Maciel e pela pedagoga Patrícia Lupion Torres, que também



Fernando Santos

Qualificar os funcionários dos sindicatos para manter o alto padrão do serviço prestado aos produtores

é consultora do SENAR-PR na área pedagógica.

Realizado ao longo de um ano o curso teve carga horária de 176 horas, distribuídas em 11 módulos de 16 horas realizados mensalmente em Curitiba. As aulas aconteceram às quintas-feiras e às sextas-feiras das 8h às 18h. A FAEP cobriu as despesas de estadia e alimentação e os sindicatos foram responsáveis pelo transporte dos funcionários. A maioria dos professores que ministrou as aulas faz parte do quadro da FGV.

PROGRAMA

O Programa de Formação em Gestão Sindical e em Gestão de Pessoas teve os seguintes módulos:

- 1º Gestão do Conhecimento e capital Intelectual
- 2º TCC e Fundamentos do Ensino à Distância
- 3º Postura Consultiva no Sindicato Patronal Rural
- 4º Cultura e Poder Organizacional
- 5º Fundamentos: Gestão das Relações do Trabalho Rural
- 6º Ideologia do Desenvolvimento Sindical
- 7º Fundamentos Econômicos: Gestão Sindical Rural
- 8º Fundamentos Negociais
- 9º Oratória
- 10º Questões Éticas e a Responsabilidade Social
- 11º Redação Empresarial
- 12º Apresentação do TCC.



Expoingá: Faep pede prioridade ao seguro agrícola

Apenas 8% da área plantada do país teve seguro em 2011/12

Por Luiz Carlos Rizzo, de Maringá

A cada três anos, a agricultura do Paraná sofre fortes efeitos climáticos – estiagens prolongadas ou excesso de chuvas –, provocando prejuízos financeiros elevados e colocando em risco a sustentabilidade econômico-financeira do agronegócio. Portanto, os agricultores devem desenvolver uma cultura de investimentos em seguros privados sobre as lavouras para reduzir o risco. Ao mesmo tempo, a política agrícola do governo federal precisa investir mais em recursos destinados no seguro agrícola para que o agronegócio continue contribuindo de forma ex-

pressiva para a balança comercial, controle da inflação e garantia de abastecimento alimentar interna, evitando fortes pressões sociais.

O alerta foi feito quinta-feira (17), em Maringá, pelo Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, Noberto Ortigara, na abertura do seminário sobre seguro agrícola que faz parte da programação da 40ª Expoingá. Representantes da Federação da Agricultura do Paraná (Faep), do Banco do Brasil, entidades rurais e de seguradoras expuseram os principais entraves e apontaram alternativas. Ao final, um consenso: se de um lado, os produtores não podem ficar sem a proteção do seguro privado, por outro lado, optar por ele é muito caro. Existe, portanto, necessidade de mais recursos governamentais para o setor.

Corrigir distorções

Pedro Loyola, economista da Federação da Agricultura do Paraná (FAEP), denunciou – em sua exposição – que o seguro rural “infelizmente” não faz parte, neste momento, da prioridade da política agrícola governamental. Existe a agravante do alto custo. Num financiamento para lavouras de ciclo médio de quatro meses – soja e milho, por exemplo –, o seguro privado consome 6,2 por cento sobre o valor coberto. “É caro demais e, por causa disso, precisa haver subvenção governamental. Em consequência dessa distorção, no ano passado somente oito por cento da área plantada no país ficaram cobertas pelo seguro privado.

A Faep e o governo do Estado vão insistir junto aos ministérios da área econômica para que o governo subvencione entre 40 e 50% das necessidades e não apenas oito por cento, conforme ocorre atualmente. Onde existe risco maior e onde a contribuição é mais expressiva dentro do contexto econômico nacional, é preciso que o governo federal tenha sensibilidade para perceber a gravidade da situação e implante política de efetivo amparo. Para o economista da FAEP, esta conscientização também precisa existir nos governos estaduais e municipais por causa da interdependência sócio-econômica.

Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná - CONSELEITE-PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 05/2012

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 16 de maio de 2012 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em abril de 2012 e a projeção dos valores de referência para o mês de maio de 2012, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes. Os valores de referência divulgados nesta resolução compreendem: (I) o leite acima do padrão; (II) o leite padrão; (III) o leite CONSELEITE IN62; e (IV) o leite abaixo do padrão. **NOTA:** o Conseleite Paraná informa que a partir de junho de 2012 serão divulgados apenas os valores de referência do “leite CONSELEITE IN62”.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* – ABRIL/2012

Matéria-prima	Valores projetados em 17/abril/2012	Valores finais abril/2012	Diferença (final - projetado)
I Leite acima do padrão (Maior valor de referência)	0,7852	0,7864	0,0012
II Leite Padrão (Preço de referência)	0,6828	0,6838	0,0010
III Leite CONSELEITE IN62 **	0,6747	0,6728	-0,0019
IV Leite abaixo do padrão (Menor valor de referência)	0,6207	0,6216	0,0009

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Furrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” corresponde ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* ABRIL/2012 E PROJETADOS PARA MAIO/2012

Matéria-prima	Valores finais abril/2012	Valores projetados maio/2012	Diferença (Projetado - final)
I Leite acima do padrão (Maior valor de referência)	0,7864	0,7881	0,0017
II Leite Padrão (Preço de referência)	0,6838	0,6853	0,0015
III Leite CONSELEITE IN62 **	0,6728	0,6742	0,0014
III Leite abaixo do padrão (Menor valor de referência)	0,6216	0,6230	0,0014

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Furrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” correspondem ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana. **Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de maio de 2012 é de R\$ 1,3552/litro. Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.sistemafaep.org.br/conseleite>.**

Curitiba, 16 de maio de 2012

WILSON THIESEN Presidente

RONEI VOLPI Vice-Presidente

... e só sobrou 20% ...



www.cirosiqueira.blogspot.com

FUNDEPEC-PR

SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINANCEIRO FINDO 30/04/2012

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS /BANCÁRIAS	
	1-11	12						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	**542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.431.549,48	13.000,00	-	19.169.152,59	-	2.341.952,64	-	25.808.259,85
Setor Suínos	2.200.137,02	1.360.000,00	-	2.034.878,05	-	179.282,49	-	5.415.732,58
Setor Aves de Corte	1.271.958,15	210.000,00	-	2.013.301,16	-	-	-	3.495.259,31
Setor de Equídeos	38.585,00	15.000,00	-	84.747,43	-	-	-	138.332,43
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	8.439,45	-	-	-	14.278,06
Setor Aves de Postura	35.102,41	2.000,00	-	104.654,03	-	-	-	141.756,44
Pgto. Indenização Sacrificio Animais *	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrificio Animais *	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	12.381.000,00	1.600.000,00	141.031,00	23.553.853,80	**542.225,27	2.662.266,13	77.567,43	34.936.051,24
SALDO LÍQUIDO TOTAL								34.936.051,24

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio: 1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 | 3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 | 5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 | 7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 | 9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 | 11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

3) Setor de Bovídeos (**)

a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassa mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = R\$542.225,27

b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = R\$ 542.225,27

4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da sub-conta do Setor de Bovídeos e creditado para sub-conta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



Super tanque

Na segunda guerra o tanque alemão Panzer comum tinha cerca de 24 toneladas. Os alemães inventaram o Panzerkampfwagen VIII Maus, que chegava à impressionante marca das 180 toneladas. Tanto metal e blindagem custaram caro para o projeto, que acabou não saindo dos protótipos. Com 10 metros de comprimento, era impossível atingir velocidades superiores aos 13 km/h, muito pouco para batalhas. Agora diga rápido: Panzerkampfwagen VIII Maus.

Ligação do traseiro

De acordo com o Daily News NY, um estudo realizado pela prefeitura da cidade de Nova York revelou que 40% de todas as ligações realizadas para o serviço 911 da polícia foram acidentais. Segundo a pesquisa, 4 milhões de chamadas inadvertidas — conhecidas como “butt calls” — foram feitas por celulares levados nos bolsos traseiros dos cidadãos.

“Grandes frases” ditas por jogadores de futebol

“Chegarei de surpresa dia 15, às duas da tarde, voo 619 da VARIG”.

(Mengálvio, ex-meia do Santos, em telegrama à família quando em excursão à Europa).

“Que interessante, aqui no Japão só tem carro importado”.

(Jardel, ex-atacante do Grêmio).

“No México que é bom. Lá a gente recebe semanalmente de 15 em 15 dias”.

(Ferreira, ex-ponta esquerda do Santos).



Infames

Por que que os portugueses deixam a televisão ligada o dia inteiro nos fins de semana?

R: Pra segunda-feira eles assistirem tela quente.

Porque português anda de moto de pijama?

R: Pra fazer a curva deitado.

O que o português disse quando viu uma casca de banana no chão?

R: Ai, Jesus, vou ter que cair de novo!

O gato comeu

Em 2000 a Volkswagen produziu o veículo Lupo 3 Liter TDI, capaz de percorrer 100 km de estrada com apenas 2,38 litros de diesel. A indústria do petróleo impediu sua entrada nos Estados Unidos, o maior mercado, e repentinamente o Lupo sumiu da linha de fabricação.



Grampo

O primeiro grampeador foi patenteado pelo inglês C.H. Gould em 1868 e era usado pelos sapateiros para pregar solas e saltos. O grampeador de papel só apareceu na década de 1890. Hoje em dia o grampeador mais usado é o de telefones, como se percebe na CPI do Cachoeira.

Lei do mercado?

As empresas Philips, Osram e General Eletric participaram de um cartel conhecido como Phoebus durante o período de 1924 a 1939, com o objetivo de controlar a produção e as vendas de lâmpadas. Elas reduziram a competição no mercado por mais de 20 anos e, com isso, atrasaram também os avanços tecnológicos que poderiam ter produzido focos de luz com maior durabilidade. As lâmpadas fluorescentes compactas só apareceram como alternativa para o consumidor final no fim da década de 90.

O novo apelido do Aloísio é
CB, Sangue Bom.

*(Souza, meio-campo do
São Paulo, em uma entrevista
ao Jogo Duro)*

**“Tanto na minha vida futebolística quanto
com a minha vida ser humana”.**

*(Nunes, ex-atacante do Flamengo,
em uma entrevista antes do jogo de
despedida do Zico).*

Vida moderna?

Podem notar: dizer “por favor”, “obrigado”, “com licença”, “desculpe”, “pois não”, oferecer ajuda e acompanhar soluções de problemas não têm mais a importância que tinham no passado. Em vez disso, no banco, no supermercado, no ônibus, farmácia, na rua é: “vai mané, anda”; “a gorda não vai passar na catraca”; “só por que tem cabelo branco quer furar a fila”; “o zezão esqueceu a senha do cartão”. Se vida moderna é isso, muito obrigado.

Sherlock

Criada em 1829 a Scotland Yard sempre ocupou um lugar na cultura popular com personagens em histórias de mistérios, que tratam das aventuras do mais famoso integrante da Yard, Sherlock Holmes. Ele celebrizou a expressão “elementar meu caro Watson” a seu amigo ao concluir positivamente suas investigações. Chapeuzinho ridículo, lupa e cachimbo muita gente acreditou e acredita que ele realmente existiu, mas é obra de ficção do médico e escritor Sir Arthur Conan Doyle.





CURSOS

Marmeleiro



Bovinocultura de leite

O Sindicato Rural de Marmeleiro realizou o curso de Trabalhador na Bovinocultura de Leite - manejo de bovino de leite para um grupo de 15 produtores e trabalhadores rurais. O curso aconteceu nos dias 21 de março e 4 e 18 de abril e teve como instrutor Marcelo Zatta.

Guamiranga



Mulher Atual

O SENAR-PR e o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) organizaram no município de Guamiranga uma turma do Programa Mulher Atual. As aulas acontecem nas dependências do Centro de Treinamento de Agricultores (CTA). O curso começou em março e vai até maio com a instrutora Caren Kelli Jenczmionki.

Colorado



Produção de Alimentos

O Sindicato Rural de Colorado em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores da cidade realizou o curso de Produção Artesanal de Alimentos – beneficiamento, transformação e conservação de pescados nos dias 23 e 24 de abril. O grupo com 14 participantes teve como instrutora Celeste de Oliveira Mello.

Kaloré



Inclusão Digital

O SENAR-PR realizou o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - Inclusão Digital Básico e Avançado no município de Kaloré, realizados no período de 16 a 20 de abril de 2012. O curso teve 14 participantes.

Cornélio Procópio



Veículos canavieiros, Condução de veículos, Panificação e Tratores

O Sindicato Rural de Cornélio Procópio promoveu vários cursos tanto na sua sede como nas extensões de base. Em Nova América da Colina durante 10 dias, os trabalhadores de veículos canavieiros da empresa DASA – Destilaria Americana participaram de um curso sobre técnicas de operação fora-da-estrada. O curso aconteceu de 9 a 20 de abril e foi uma parceria entre o sindicato, o Senat e a DASA com o instrutor Sérgio Guilherme da Silva.

Também em parceria com o Senat e a empresa Vilela & Vilela, o Sindicato Rural de Cornélio Procópio realizou o curso, para um grupo de 23 profissionais o curso de Atualização de Condutores de Veículos Rodoviários Transportadores de Produtos Perigosos.

No município de Sertaneja em parceria com a Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente foi realizado no dia 10 de abril o curso de Produção Artesanal de Alimentos, específico para panificação com a instrutora Maria de Fátima Bueno Bittencourt. O curso aconteceu na cozinha municipal, conhecida popularmente de “Cozinha da Gente”.

Em Leopólis, nos dias 11 e 12 de abril aconteceu o curso para Trabalhadores na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas, com o instrutor Miguel Jorge Wafte Neto. O objetivo do curso é empregar técnicas corretas de operação, na regulagem e na manutenção de tratores agrícolas.

Palmeira



Aplicação de Agrotóxicos

O Sindicato Rural de Palmeira realizou o curso de Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – atualização costal e manual nos dias 19, 20 e 30 de abril. O grupo composto por 10 produtores e trabalhadores rurais teve como instrutor Luiz Sérgio Krepki. O conteúdo aborda a maneira correta de como proceder à aplicação de agrotóxicos com pulverizador costal manual de forma precisa e consciente.

Mamborê



Básico em gestão

O Sindicato Rural de Mamborê organizou no período de 12 a 23 de março dois cursos de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvopastoris - Básico em Gestão. O grupo foi dividido em duas turmas e teve como instrutora Leila Muller.



CURSOS SENAR-PR

Arapoti



Café

Com uma história de mais de 80 anos na cultura de café, os produtores de Arapoti, no norte pioneiro, vivem o problema que o município não está enquadrado no zoneamento agrícola do café no Paraná. O que impede os produtores de terem acesso a financiamento da lavoura pelo Banco do Brasil.

Por isso, o Sindicato Rural, a Emater, a Prefeitura, o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural e representantes da agência do BB de Arapoti, resolveram atuar para resolver a situação e inserir a região na “zona de transição” para a cultura cafeeira.

Enquanto a mudança não se concretiza, as instituições vem apoiando os produtores produtores como o curso de Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais – Café – Café Adensado, realizado nos dias 27, 28 e 29 de fevereiro e ministrado pelo engenheiro-agrônomo Célio Marques Luciano Gomes. O Sindicato Rural de Arapoti informa que já estão marcados mais dois cursos de capacitação: em maio – Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais – Café – Processamento e Secagem, e em outubro Podas e Desbrotas.

Mandaguaçu



Básico em gestão

O Sindicato Rural de Mandaguaçu realizou na Usina Santa Terezinha – Unidade Iguatemi, o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - gestão rural - básico em gestão. O curso aconteceu de 26 a 30 de março com a instrutora Leila Müller.

Campina da Lagoa



PDS

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa concluiu, dia 20 de abril, o Programa de Desenvolvimento Sindical com a primeira turma de produtores rurais. A instrutora do grupo foi Luciane Lousano Pimentel.

Santo Antônio da Platina



Posse

No dia 28 de março tomou posse a diretoria eleita do Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina. Foi reeleito como presidente José Afonso Junior, como vices-presidentes Guilherme Lange Goulart e Gustavo Henrique J. Teixeira e como tesoureiros João Claudio Gaudencio e Harley Machado da Silva.

Nova Londrina



Gestão de Pessoas/cana-de-açúcar

O Sindicato Rural de Nova Londrina e a Usina Copagra realizaram o Curso Gestão de Pessoas - Motivacional com 45 participantes no dia 10 de abril. O grupo teve como instrutor Luiz Paulo Corso. Na palestra foram abordados conteúdos voltados para um maior comprometimento no trabalho, aspectos comportamentais positivos e mudanças. Um dos objetivos do curso é levar os participantes a refletirem sobre suas atitudes na vida e na empresa.

Mariluz Mobilização

Para apoiar e intensificar o trabalho de mobilização do sindicato junto aos produtores rurais o Sindicato Rural de Mariluz adquiriu um veículo zero quilômetro. O veículo servirá também aos colaboradores para visitas as propriedades rurais, com intuito estreitar os laços entre os produtores, levando informações e buscando o melhor atendimento das reivindicações da classe. Todo trabalho tem o foco de valorizar a atividade agropecuária na região.



Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente

Ágide Meneguette

Vice-Presidentes

Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Polo, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso

Diretores Secretários

Livaldo Germin e Lisiane Rocha Czech

Diretores Financeiros

João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti

Conselho Fiscal

Sebastião Olímpio Santaroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro

Delegados Representantes

Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo

Presidente: Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos:

Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal:

Sebastião Olímpio Santaroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida

Superintendência:

Ronei Volpi



Coordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon

Editor:

Hélio Teixeira

Redação:

Angelo Binder, Hemely Cardoso, Katia Santos

Diagramação, Ilustração e Projeto Gráfico:

Alexandre Prado

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Não se Estresse

Numa palestra sobre controle do estresse o palestrante perguntou:

– “Qual o peso deste copo d’água?”

As respostas variaram de 250 g a 700 g.

Então, ele disse:

– O peso real não importa. Isso depende de por quanto tempo você vai segurar o copo levantado. “Se o copo for mantido levantado durante um minuto, não é um problema. Se o mantiver por uma hora, você acabará com dor no braço. Mas ficar segurando um dia inteiro, provocará câibras dolorosas”.

E continuou:

– Isso acontece também com o estresse e a forma como o controlamos. Se você carrega a sua carga por longos períodos, a carga vai começar a ficar pesada e, finalmente, você não será mais capaz de carregá-la. Quando estamos descansados, podemos novamente transportar nossa carga.

E deu dicas para administrar as cargas da vida:

1. Aceite que há dias em que você é o pombo e outros em que você é a estátua.
2. Mantenha sempre suas palavras leves e doces pois pode acontecer de você precisar engolir todas elas.
3. Se não puder ser gentil, pelo menos tenha a decência de ser vago.
4. Se você emprestar R\$200,00 para alguém e nunca mais vir essa pessoa, provavelmente valeu a pena pagar esse preço para se livrar dela.
5. Pode ser que o único propósito da sua vida seja servir de exemplo para os outros.
6. Nunca compre um carro que você não possa manter.
7. Quando você tenta pular obstáculos lembre-se de que está com os dois pés no ar e sem nenhum apoio.
8. Uma vez que a minhoca madrugadora é a que é devorada pelo pássaro, durma até mais tarde sempre que puder.
9. Lembre que é o segundo rato que come o queijo – o primeiro fica preso na ratoeira. Saiba esperar.

10. Quando tudo parece estar vindo na sua direção, provavelmente você está no lado errado da estrada.

11. Não perca tempo odiando alguém, remoendo ofensas e pensando em vingança.

12. Uma pessoa realmente feliz é aquela que segue devagar pela estrada da vida, desfrutando o cenário, parando nos pontos mais interessantes e descobrindo atalhos para lugares maravilhosos que poucos conhecem.

Portanto, depositem sua carga de trabalho/vida no chão. Não carreguem para casa. Vocês podem voltar a pegá-la amanhã. Com tranquilidade.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável _____